

# A prova viva

Gonçalo Madaíl

1999

Iniciámos a viagem logo pela manhã, num daqueles dias em que as nuvens ainda dormem lá no fundo da Cova da Beira e os carros já fervilham, roucos da humidade, bem no topo da encosta, no centro da cidade da Covilhã.

À medida que nos afastamos da cidade, de periferia em periferia, a urbe vai-se desmoronando calmamente e com naturalidade, cedendo gradualmente espaço à constância da natureza e à melancolia do campo, dos montes que há milénios nos observam sábios e impávidos.

Para lá de tudo, de qualquer Ourondo ou Paúl, avistamos o Zêzere serpenteando avidamente pelos vales da serra, alimentando uma vegetação fiel, dos cumes aos fundos.

É sob este ambiente que, de repente, se surgem aqui e ali verdadeiras montanhas artificiais de cascalho que esventram a verdura com um amarelo ocre, quente e majestoso. Aqui vive a comunidade do Couto Mineiro da Panasqueira. Pequenas aldeias que coexistem avizinhas em torno de uma mina que as abraça, por fora e por dentro: Rio, S. Francisco de Assis, Barroca Grande, Cambões, Panasqueira e S. Jorge da Beira. Espaços humanos com história, com um passado para trás e um futuro pela frente, por fora e por dentro.

A ideia que ali nos conduzia era a de realizarmos um Documentário sobre a condição social dos mineiros, sobreviventes de um passado conturbado e duro, mas memorável, naquela que já foi a maior mina de Portugal.

Obviamente, procurámos de imediato por pessoas, por qualquer pessoa, por quem quer que fosse. Os mineiros são pessoas de bem, habituadas ao trabalho e às evidências da vida. Longe de tudo e de todos, bem preparados para a convivência amigável, os mineiros são pessoas que se respeitam mutuamente, mesmo até perante as hierarquias legadas pela mina, enquanto instituição laboral sob administração inglesa. Receberam-nos vivamente, com poucos preconceitos e contaram-nos a história da mina e o que ela significa.

Ao longo de dez dias, explicaram-nos como ali se vive e se viveu. Falámos com os mais velhos, que nos explicaram como foi difícil dedicar uma vida inteira a um labor árduo e sem condições, pautado por um desprezo das hierarquias mais altas pelas classes mais baixas e desprovidas.

A instabilidade do mercado do volfrâmio mostrou-se cruel em diversos momentos deste século. É que as minas dependeram das grandes guerras do mundo, e isso é e foi incontornável.

Os mineiros viviam mal, ganhavam pouco e trabalhavam muito. Por mais de uma vez, se viram forçados a lutar contra o sistema, contra a animalidade que lhes incutiam, contra as horas absurdas de labor diário, contra a violência de certas relações profissionais, contra o completo desprezo pelos seus direitos. Explicaram-nos como lhes magoou e ainda magoa verem os seus filhos partir em busca de um outro futuro, para que o passado não se repita.

Ao longo de dez dias, caminhámos por entre escombros e ruínas, observámos a ferrugem das estruturas metálicas, escalámos colinas inóspitas de cascalho e resíduos, descemos ao fundo do interior da mina, ouvimos o ruminar das máquinas e o silêncio das ruas. Conhecemos a administração, os reformados, a miudagem, as mulheres dos mineiros, as viúvas dos que já sucumbiram à rudeza do trabalho, os silicóticos, o presidente de uma Junta de Freguesia, os emigrantes em férias, os filhos dos emigrantes em férias, as pessoas daqui e as pessoas dali.

Foi assim que descobrimos a beleza física e espiritual da comunidade mineira, pois foram eles que nos ensinaram. Todos nos mostraram o quão único é o seu lugar e que consequências daí retirar: o futuro cada vez mais obscuro e duvidoso das minas e da sua actividade cada vez adormecida e despersonalizada, já que as máquinas não se modernizam e o número de homens continua a diminuir. Acreditam cada vez menos no futuro das minas, mas respeitam cada vez mais a sua omnipresença, o peso do seu significado. Queixam-se de terem sido esquecidos, arredados do mundo dos outros, do isolamento e da desertificação que os consome.

A comunidade do Couto Mineiro da Panasqueira manifesta-se indignada com a

classe política nacional, com os senhores deste nosso país, pelo seu total alheamento de toda esta situação.

A comunidade do Couto Mineiro da Panasqueira sabe que se lhes proporcionarem melhores condições de acesso e vias de comunicação, se os libertarem para a possibilidade de terem um futuro mais optimista, se revelaria à altura e com dignidade para não deixar morrer um espaço tão "sui generis" quanto a sua história e personalidade.

Precisam de oportunidades como toda a gente e nunca deixaram ninguém ficar mal.

Nem a nós, que de lá viemos com uma colecção de registos valiosos para a cultura da Beira Interior.

São, no fundo, a prova viva de que tudo isto faz sentido, quando se mira com olhos de ver.

Nunca esqueceremos a comunidade do Couto Mineiro da Panasqueira.

E o esquecimento generalizado é demasiado gratuito para a dignidade de qualquer ser humano.